

ENTREVISTA A LÚCIO MUSTAFÁ SOBRE O PANAMORISMO

Lúcio Valério Mustafá¹

1. Quando e como surgiram as primeiras ideias de formação de uma filosofia como o Panamorismo?

O Panamorismo nasceu a partir do meu contato com as universidades de filosofia. Quando eu percebi que as filosofias que eram oferecidas como uma pluralidade de “menu” variado e capaz de satisfazer os mais diversos gostos e percebi que nenhum daqueles itens me parecia bom e suficiente, eu fui, aos poucos, me dando conta que era necessário que eu explicitasse publicamente a minha filosofia e também para mim mesmo, aquilo que eu considerava ser o melhor em filosofia. Eu tomei esta postura, que é muito rara, porque não é explicitada nas faculdades de filosofia. Na medida em que eu fui fazendo aquela explicitação, dessa mesma filosofia que é o Panamorismo, fui me dando conta que ela é uma filosofia completa e que, portanto, poderia ser apresentada para as outras pessoas dentro daquilo que o plural “menu” já estava oferecendo para a academia. Principalmente aqui, na Universidade Federal de Pernambuco. porque com o curso de graduação em Filosofia, eu fui levado a ter um conhecimento da história da Filosofia em geral.

2. Quais são as ideias ou princípios fundamentais ou basilares do Panamorismo?

O Panamorismo tem um princípio muito simples que é abrangente e de alta importância que é o princípio, segundo o qual, é necessário que a filosofia gire em torno do Amor, excluindo todo e qualquer desamor pelos existentes, considerando existente o conjunto das coisas que existem por natureza e das coisas benéficas que existem enquanto criadas pelo ser humano também, excluindo-se as falsas existências e as coisas criadas para fins maléficos. Pois, enquanto ele aponta para a necessidade de um amor para o conjunto dos existentes, qualquer invenção voltada para “maleficar” uma das coisas existentes por natureza ou benéfica, criada artificialmente, será vista de modo a ser rejeitada, bloqueada, combatida e, na medida do possível, extinta na sua própria existência. Dessa maneira, coloca-se em pé este eixo fundador, essa coluna mestra do Panamorismo que explicita a necessidade irrenunciável, para toda e qualquer filosofia que venha a se considerar autêntica, que é a centralidade do Amor pelas coisas existentes acima discriminadas.

Ou seja, quem quer que confronte o Panamorismo com as outras filosofias (que já depois que eu fiz um balancete nelas, considere todas elas carentes e incompletas), irá se dar conta que nenhuma das outras cria um dispositivo de proteção tão completo e tão amoroso para com os existentes em questão.

Assim, inaugura-se a novidade do Panamorismo e a inediticidade dele. E é o fato de possuir esse ineditismo, esse detalhe, que é um detalhe importantíssimo que

¹ Artista, Bacharel em Letras Clássicas e Cristãs pela Pontificia Università Salesiana di Roma - Itália, Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. ORCID – 0000-0002-3755-7297. Email: panamorismo@outlook.com.

permite ao Panamorismo uma igualmente forma, cem por cento genuína, de abordar todos os demais temas filosóficos possíveis.

3. Como a Filosofia do Panamorismo entende a Ciência e a cientificidade e qual a relação que existe entre Cientificidade e Amor?

O Panamorismo, ao considerar aquilo que se chama por aí de Filosofia da Ciência, percebe que a palavra “ciência” é uma palavra que vem sendo alvo de assédio na história da filosofia. Não se pode considerar a palavra “ciência” sem se considerar esse assédio e sem perceber bem do que se trata. Como etimologia, a palavra Ciência, traduzida em outras línguas como *Science* (em inglês) ou *Scienza* (em italiano), vem da palavra *Scio*, em latim (no particípio *Scians* – a pessoa que está ciente).

Assim, na proveniência etimológica da palavra, podemos perceber que ela vem do latim; e tem a ver com o saber, que, em grego, significa “sofia”. E como a palavra “Filosofia” já tem, encastradas nela a palavra “filo”, que em grego significa amor e a palavra “sofia”, percebemos que a palavra “filosofia” tem, dentro de si, as palavras “amor pelo saber” – significado este que as faculdades de filosofia em geral querem minimizar. Isso aí já está quase que exigindo de quem vai se ocupar do saber, que se ocupe do “Amor pelo Saber”, que coloque o “amor pelo saber” no centro de suas ocupações e se dedique a perceber todas as implicações éticas que esse “amor pelo saber” impõe, pois dentro da palavra “filosofia” se encontra tanto a noção de “amor”, quanto a noção de “ciência. Sendo assim, está provado que, quando o Panamorismo se propõe a se constituir como uma Filosofia, tem nesse argumento, a autentificação da intencionalidade que traz no nome Panamorismo. Isso requer que quem se ocupe de “filosofia” ame, se apaixone, que sinta que se dedicar ao saber seja uma coisa amorosa, e chegue a ser mesmo a ocupação capaz de trazer ao ser humano a felicidade, por vários motivos que depois a gente pode falar.

Então, essa primeira constatação sobre a etimologia da palavra já estabelece, para o Panamorismo, quando se aproxima ao pilar básico e fundador, que citamos anteriormente do Amor pelos existentes, que, imediatamente, é assimilado por aquela coluna mestra e adquiriu um local de grande honra na determinação de tudo o que irá se considerar de positivo no Panamorismo. Neste aspecto da Ciência como Saber, o Panamorismo aponta para o Saber e determina que há uma estabilização total e irrevogável do Amor pelo Saber.

Ou seja, a Ciência é a atividade permanente do Panamorista. E é através desta atividade que ele distingue as qualidades dos citados existentes. Com essa atividade do Saber e da Ciência, que é uma atividade investigativa diante de qualquer objeto existente, o Panamorismo distingue aqueles objetos que são benéficos, daqueles que são maléficos, determinando necessidade de proteção, para os primeiros, e o bloqueio e a invalidação e até extermínio, para os maléficos. Por exemplo, uma arma, feita para matar e destruir o ser humano, é um instrumento de ódio e não de amor, portanto, um instrumento maléfico.

Veja-se que a gente ainda não pegou o assunto relativo à palavra que equivale à Ciência na Grécia Antiga. Enquanto o que a gente fez até agora foi mostrar que, etimologicamente, no latim, a palavra *Scire*, que se traduz pelo Saber, equivalerá, em grego, a “Sofia”, que compõe a palavra “Filosofia”. Mas a palavra que, em

grego, se reconhece universalmente, nas academias do mundo todo, e que equivale a Ciência, é a palavra Episteme. Então, a palavra “Episteme” é claramente usada pelos gregos antigos no significado de “Conhecimento”. Então, na Filosofia Antiga, nós vamos ter essa concepção intrínseca, na generalidade dos autores, de que “Ciência” é o “Conhecimento”. Então, enquanto “Ciência” possa ser considerada como “Conhecimento”, ela também é a atividade básica da Filosofia, que pode completar a palavra “Sofia”, dizendo que “Sofia” é a “Sabedoria”, enquanto se conhece algo na sua globalidade e “Episteme” seria o “Conhecimento”, enquanto se conhece as coisas nas suas partes. Isto é, enquanto se conhece as coisas, nas suas partes e na colocação que as coisas têm no interior disso que podemos chamar de “o tudo”, para não chamar de Universo – que poderia ter a impressão de um conjunto fechado, para além do qual poderia existir um algo mais.

Portanto, tanto “Sofia”, quanto “Episteme” são palavras acolhidas pelo Panamorismo que, ao se explicitar em português, ou em alguma língua moderna, se autentifica como sinônimo de “Ciência”.

Ou seja, o Panamorismo, ao focar a questão “Ciência”, se fundamenta na fundação da Filosofia, porque ele é um fundacionismo. Ele defende e afirma que vai se compreender bem a Filosofia e a função da Filosofia entre os humanos, entendendo que naquelas épocas fundantes da Filosofia grega, está essencialmente estabelecido o “dever ser” da própria Filosofia em geral, que não irá mudar de qualidade nem por decreto, nem por determinação de seja qual a que for estrutura de poder acadêmico moderna, ou pós-moderna, ou outra.

Com a Revolução Industrial, entre o século XVIII e XIX, que estabeleceu, em muitas áreas de atuação dos indivíduos, a divisão social do trabalho, as classes patronais terminaram interferindo na divisão acadêmica das disciplinas, pois por interesses econômicos, queriam que a formação universitária fosse toda voltada para prestar o serviço ao modo de produção. Então, se na construção civil se precisava de engenheiros, se criou a engenharia e um tipo de profissional que se especializa em uma pequena fatia do Saber, interessado no ganho econômico que o emprego de engenheiro oferece e propicia, e se especializou só naquele âmbito e se desinteressou pelos outros âmbitos do Saber.

Como a Filosofia é a Ciência que se interessa pelo Saber, como um todo, em geral, (Sofia e nas suas especificidades epistêmicas), engenharia não deixa de ser uma área da Filosofia só porque a Revolução Industrial precisou desse profissional subdotado, que chamam de engenheiro. Seria melhor que ele fosse chamado de técnico em engenharia do que engenheiro mesmo. Isto porque engenharia tem a ver com “engenho” que equivale a inteligência e, portanto, o filósofo, enquanto não se submete às exigências e imposições da Revolução Industrial, que querem reformatar o significado da palavra Filosofia, incluindo aí a palavra Ciência, é também um engenheiro, pois é especialista também em inteligência, haja vista que não é possível adquirir saber sem o uso da inteligência.

Da mesma forma que aconteceu com a noção de engenho e engenharia, que foi transformada numa disciplina que se dedica fundamentalmente a aplicar normas técnicas determinadas pela Revolução Industrial (mas o mesmo está longe de ser um inventor, um gênio como Leonardo da Vinci), quando se precisa fabricar objetos, para todas as outras necessidades que com o capitalismo dominaram o

,'

mundo, criaram a geografia para desenhar os territórios para propiciar aos capitalistas o conhecimento de todo o território disponível na face da terra e para eventual exploração desses terrenos; a geologia para rastrear a existência dos minerais importantes para fazer funcionar a máquina do capitalismo nas suas diversas expressões e assim por diante. Todas essas profissões, disciplinas e cursos que encontramos oferecidas pelas universidades, não passam de caixas, no interior das quais se deposita uma quantidade de assunto que a Revolução necessita para esse ou aquele uso pragmático.

Ao se voltar para a Filosofia, já se percebe que o capitalismo irá precisar de requalificar o que é a Filosofia, porque a Filosofia é e continua a ser a disciplina de todos os saberes: do saber geral e da colocação do saber a respeito das coisas no interior do tudo, como já falamos antes.

Ou seja, se a Filosofia insistisse em continuar afirmando ser a autêntica disciplina que se ocupa de todos os saberes, a moral que o capitalismo sente e nota que precisa impor no mundo acadêmico para ser o sistema hegemônico dos saberes, ele (o capitalismo) teria um problema para se autenticar. É aí que ele cria as faculdades de filosofia, restringindo o âmbito de ocupação temática da mesma a uma quantidade muito pequena e até pouco importante de assuntos.

Aí podemos chamar essa interferência da Revolução Industrial na filosofia de uma interferência indevida que terminou por fazer com que a Filosofia, na era industrial, perdesse muita força.

Mas aí, quando eu fundo o Panamorismo focando esta questão, eu afirmo que é inaceitável essa subordinação e que o indivíduo singular, se conscientizando da sua potencialidade investigativa, querendo ser um verdadeiro filósofo, e não um mero comentarista de textos escritos por pretensos filósofos, já mortos ou vivos, mas presentes no “menu” ensinado nas faculdades, por ser um intelectual que produz textos convenientes para que a garantia do abatimento da potência filosófica, promovido pelo capitalismo, permaneça intocada, tal indivíduo singular deve, por conta própria, colocar-se a construir sua explicação de mundo, baseado nos dados que ele conseguir recolher e fazer de si mesmo um filósofo autônomo e independente das determinações de qualquer sistema.

Eu indico isto para toda pessoa que precisa com toda sinceridade ser um filósofo, pois foi o que eu fiz comigo ao criar o Panamorismo.

Tendo feito tudo isto que fez com as disciplinas, quando uma multidão de indivíduos subutilizados, satisfeitos com a mera aquisição de um status e de um emprego que o permita se desinteressar pelo saber como um todo para o resto de sua vida, assim também o sistema da Revolução Industrial, ao se ver diante da palavra Ciência, resolveu apossar-se dessa palavra, roubando-a da propriedade histórica da mesma pela Filosofia, criou um esquema mecânico, protocolar, estabelecido por normas técnicas, específico para cada disciplina que ele estabeleceu como necessidade, e chamar aquilo de ciência que, sim, dá uma orientação técnica e genérica para se proceder no interior de um formalismo, no qual se busca levantar dados, focalizar objetos de estudo, analisá-los e tirar conclusões sobre eles, além de socializá-los entre a comunidade dos que servem ao sistema pesquisando. Resumir a Ciência a tal tecnicismo a avilta, destrói a dignidade dela. Pois a Ciência, a busca do Saber, não pode se submeter a ficar a serviço de mercantilistas interessados em ter mais do que saber, ou em saber

,'

apenas para adquirir, podendo até impedir que se saiba mais, quando considerarem inconveniente para o seu lucro, um saber que eventualmente esteja emergindo no interior de um grupo não subordinado, ou até insubordinado.

Isso que falamos até aqui é suficiente para que o leitor perceba que a Revolução Industrial, enquanto foi tomada de assalto pelos patrões gananciosos, terminou por aportar uma perda de potência grandíssima sobre o saber, sobre o conhecer, sobre a inteligência e o engenho, sobre a Filosofia e a Ciência.

Hoje, nas faculdades de Filosofia do mundo todo (se houver alguma exceção, eu me desculpo com essa exceção, aqui e agora), existe uma submissão. Predomina esse sistema criado pelo mercado, tão humilhante para a Filosofia em si.

É exatamente considerando tudo isto que eu percebi, ao me relacionar com o mundo acadêmico da Filosofia, que todos os itens daquele “menu”, oferecido através das aulas de história da Filosofia, compactuava com essa despotencialização. Assim, resolvi fundar o Panamorismo, restaurando a concepção de Ciência como prática do saber, como determinação dos conhecimentos e como algo que qualquer indivíduo, singular, autônomo ou grupal, possa, com autenticidade, praticar e, até mesmo usando os conhecimentos advindos da Revolução Industrial – já que a Filosofia, ao se interessar também pelos saberes que em certas circunstâncias venha a ser produzido pela Revolução Industrial.

Ou seja, o Filósofo para o Panamorismo, é um indivíduo que está sempre recolhendo, analisando com criticidade. Avaliando as qualidades, crivando as inconsistências, identificando existências benéficas e maléficas, promovendo as primeiras e isolando as segundas, para que sejam encaminhadas para eliminação. Com essas palavras, eu resumi qual é a compreensão de Ciência do Panamorismo. Para um aprofundamento maior dessa questão, seria necessário abordar o tema da Reconhecimento do Saber, que, porém deixamos para uma outra ocasião.

4. Já que estamos falando sobre a concepção de Ciência do Panamorismo e de como você entende a relação entre Amor e Ciência, gostaríamos que você explicitasse a visão que o Panamorismo tem da religião, já que a religião tem se colocado no mundo como a oposição e negação da Ciência e da Cientificidade.

Quando o Panamorismo olha para a religião, enquanto fenômeno humano, que nasce na grande maioria das civilizações, ele, o Panamorismo, começa buscando entender o nascimento mesmo deste fenômeno, o porquê d’ele aparecer no interior das coletividades humanas.

Então, o Panamorismo não parte de um olhar preconceituoso contra a religião, como não parte de um olhar preconceituoso contra tema nenhum.

O que o Panamorismo percebe como correto, diante de cada tema, é compreendê-lo na sua historicidade, isto é, a partir do nascimento do objeto em questão, acompanhando, no tempo, ou no passar do tempo, o seu desenvolvimento, inclusive, se for o caso, das suas metamorfoses, ou seja, das suas eventuais mudanças de essência, no tempo.

Dito isto, percebamos que a religião parte de uma hipótese explicativa de algum aspecto da realidade que as pessoas não conseguem encontrar uma explicação clara. Isso se percebe lançando um olhar para os povos primitivos atuais e pré-

históricos. Quando um grupo de selvagens nômades, vivendo num ambiente 100% florestal, se depois, por exemplo, observa o fenômeno de trovões e raios estourando em cima de suas cabeças, no céu longínquo, durante uma tempestade, instala-se, imediatamente, nos ânimos daqueles selvagens, a situação da atonicidade, isto é, eles ficam atônitos, se perguntando quais possam vir a ser as causas daqueles estrondos e clarões repentinos. Na falta de resposta, é compreensível que eles imaginem tratar-se da ação de uma poderosa divindade que habita para além da abóbada celeste e que, talvez, nos seus momentos de ira, provoque aquele escarcéu.

Seja como for, o fato é que é próprio do ser humano, seja ele primitivo ou civilizado, querer dar uma explicação para todo e qualquer fenômeno que se apresente diante dele. Portanto, quando um grupo de selvagens estabelece a crença coletiva de que o causador dos raios e dos trovões seria, certamente, uma certa divindade, o que eles estão fazendo ali, é procurando dar uma explicação para algo que a vida cotidiana apresentou para eles como um problema. Então, ali, eles têm um objeto de estudo (trovões e raios), que lhes é problemático, isto é, desafia a compreensão deles que, por sua vez, se apresenta com uma quantidade consistente de dados que desafiam a inteligência deles.

Para os homens primitivos, deixar aquela quantidade de dados sem explicação, nem que seja uma explicação provisória (que seria uma divindade poderosa a causa daquilo tudo) não é uma opção aceitável para eles. Pois aquela tremenda dúvida que ficaria no ar, não se tranquilizaria nas almas deles e a perspectiva de experimentar uma outra tempestade com tantos fenômenos assustadores, sem que se acalmasse os corações com a lembrança do reconhecimento e explicação e a hipótese que ia mais e mais ganhando crédito, sem isso eles não sossehariam nos dias subsequentes. Fisiologicamente, eles são tal e qual somos nós, hoje. Não houve nenhuma mutação significativa desses homens primitivos para nós, não. Os hominídeos e os pitecantropos (homens macacos) de que as teorias que apoiam o darwinismo fazem alusão, estão muitos milhares de anos antes deles (vide a tal respeito, o que Gombrich, na sua *História da Arte*, fala sobre o Homem paleolítico superior). Portanto, nós somos, biologicamente idênticos a eles. E nós também temos este instinto de precisar de explicação para tudo o que nos cerca. Nós nos acalmamos diante das coisas porque atribuímos alguma essência a elas.

Nós estávamos falando sobre porque o homem da caverna não poderia deixar de dar uma explicação qualquer para os fenômenos mais desafiadores. Pois é, encontrar um laguinho, no meio da floresta ou de uma clareira, e reconhecer aquilo como um laguinho, é uma operação de inteligência básica. A inteligência produz cálculos. A própria base da lógica são cálculos proposicionais. Depois, ao se aproximar do laguinho, reconhecer a água e ser levado pelo instinto, bebê-la ou se banhar nela, são operações muito simples que os outros animais fazem. E assim por diante, para todos os demais objetos do cotidiano manuseável: árvores, frutos, animais, demais seres humanos. Quando o fenômeno ocorre numa distância não manuseável, como o fenômeno dos raios e trovões que acontecem no céu, a necessidade de explicá-los se torna um impulso. São vários esses fenômenos. Existem na vida dos indivíduos, dos seres humanos, em geral, vários fenômenos que se apresentam, que também não são manuseáveis, como por exemplo o do sonho. O sonho é outra coisa também não manuseável. Inclusive, os sonhos são

fantásticos. O homem primitivo, quando sonha uma coisa, pode pensar que no sonho existe comunicação com outros seres e aquilo vai ser, aos poucos, incorporado como explicação e vai virando cultura e essa cultura vai sendo assimilada num conjunto de fato admirável, que vai parecendo ter relação um com o outro, e termina por ser, com o passar do tempo, estabelecido coletivamente como crença da tribo.

No conjunto dessas buscas de explicação, é fácil perceber que se trata de busca de compreensão, ou seja, desejo, em última análise e *anti-literam* (ou seja, antes da existência real da coisa) de fazer ciência.

Portanto, essas sumárias observações que acabei de fazer, indicam que a religião, nos seus momentos fundacionais (aqueles primitivos), possui um honrado e autêntico nascimento.

E ali, ela pode ser considerada o germe da ciência, que, além dali, naquele campo da religião, esse germe da ciência está nascendo em todas as demais ações racionais que o homem primitivo, de tempos em tempos, pratica.

Dito isso, passemos a perceber que, numa segunda fase do estabelecimento social daquelas explicações dos fenômenos não alcançáveis manualmente (pois aquelas explicações vão sendo, pela sua inusitabilidade, reconhecidas como necessárias de serem arquivadas ou estocadas num espaço comum de concepção coletiva), grupos de indivíduos frequentemente são encarregados de serem os guardiões desse conteúdo, e também os transmissores para os demais membros da tribo e para as futuras gerações. São eles: pajés, feiticeiros da tribo, conselheiros, curandeiros e afins que terminam sendo investidos coletivamente da autoridade explicativa, daqueles e de outros fenômenos fora do alcance das mãos.

Daí nascem rituais, daí nascem fórmulas sagradas que são protótipos de orações, escaramancias, profecias, leituras de sorte e de futuro e coisas afins. Até mesmo o curandeirismo. Ou seja, essas impressões que nascem da tentativa de explicar o inalcançável vão, aos poucos, ganhando, no meio da coletividade, um status de alta dignidade, ao ponto de se emparelhar, muitas vezes, ao status do indivíduo ou grupos que controlam o poder político-militar da tribo: caciques, organizadores de tropas para caça e enfrentamento de inimigos: é comum quando nos aproximamos de tribos primitivas que esperemos de encontrar, não só o cacique, mas também o pajé. E esse pajé, muitas vezes, é também o curandeiro.

Enquanto a tribo cresce como instituição coletiva, e se apropria de um território, construindo suas ocas, numa clareira, as condições próprias para afirmação daqueles conhecimentos, considerados de proveniência divina, estão estabelecidos e logo, convém também que se erga, no centro da tribo, um Totem, que é uma escultura ou um objeto significativo e representa que, ali, naquele coletivo de pessoas, se comunga, isto é, se compartilha de um conjunto de concepções a respeito dos temas de difícil explicação imediata.

Com o passar do tempo, aquelas crenças passam a revestir não só temas, tais quais o que já citamos, mas também grupos que controlam os demais indivíduos da comunidade, isto é, elites tribais que, percebendo a força aglutinadora, coesiva, daquele conjunto de valores, rituais, objetos compartilhados, passam a tê-los como instrumento chave do poder e a exigir intocabilidade dos objetos e imutabilidade das explicações. Ou seja, criam-se leis proibitivas e impositivas para os demais membros não iniciados

A tais leis podemos chamar de tabus. Consideramos assim, que a religião sofre a sua primeira mutação.

Ela perde o seu caráter eminentemente investigativo, “científico” e passa a se constituir um mero instrumento de poder ou num verdadeiro instrumento de opressão, isto é, de sujeição da coletividade aos desígnios dos ditos líderes.

Claro que, um olhar que não focalize desta maneira crítica, esta mutação², irá reconhecer que Totem e Tabu possuem também uma importante função social unificadora, pois todos os membros sendo obrigados a aderir àquela crença, produz uma atitude necessária para perpetuação daquele coletivo no tempo.

É a partir daí que o Panamorismo poderia levantar também um novo filão de concepção específica no campo dos estudos a respeito do importante tema das identidades coletivas.

Mas, ao focalizar os motivos pelos quais o Panamorismo termina por se transformar essencialmente numa filosofia que vê com maus olhos a presença da religião na atualidade (estamos em 2021), é necessário que, ao se debruçar sobre a história da religião, ele, o Panamorismo aponte para o Totem e para o Tabu, como o primeiro momento no qual a cientificidade, ainda nos seus primórdios, recebe um terrível golpe da parte da religião mesma.

Tendo lançado um olhar sobre a gênese da religião na humanidade, e tendo percebido que há um início autêntico nesta busca, chegando mesmo a ser uma semente de cientificidade, mas que, em seguida, se desvia para se tornar um instrumento de poder elitista dentro das tribos, o que é necessário que se faça a crítica à pretensa autenticidade que a religião pretende ter no interior das necessidades humanas.

Assim advertidos, e atentos para o perigo da religião, passemos agora a focalizar o fenômeno religião, logo após a invenção da escrita, por volta de 4 mil anos a. C. Na Mesopotâmia, além das divindades politeístas que surgiram no constituir-se de impérios que se sucederam no tempo, eclodirá o importantíssimo fenômeno que até hoje nos pressiona e a nós se impõe, como obrigatório, da bíblia dita sagrada.

Ali, na Mesopotâmia, nas mediações da cidade de UR, o povo judeu estabeleceu uma estratégia cultural teocrática, de grande peso literário, fantástico e dramático, mágico, mitológico e supersticioso e escreveu assim, o que hoje constitui-se como os 5 primeiros livros da bíblia. Focalizando o livro da Gênesis, ainda percebemos ali, um resquício daquela intenção de cientificidade que os povos mais primitivos ainda lançavam mão para explicar raios e trovões. Trata-se da intencionalidade clara de se pretender explicar a origem do universo com a fábula da criação em 7 dias.

Obviamente se está tentando encontrar uma hipótese com essa narrativa da criação em estágios paulatinos de produção da realidade; chega a ser sistemático; chega a ser refletido; não é inautêntica em si, a proposta, senão quando se propõe a ser a resposta fixada, garantida, não mais questionável e imposta. Mas, enquanto explícita busca de compreender aquilo que não está ao alcance das mãos, do manuseável, chega a ser um esforço mental considerado louvável. Todavia, a eticidade também irá ser rompida quando a narrativa passa da explicação do todo

² Esta mutação que a religião sofre em seu desenvolvimento histórico

para a proposta de explicação da essência humana e da sua condição de vida na terra.

Como todos sabemos, estou me referindo aqui à lenda de Adão e Eva. Para além do óbvio recurso à alegoria que a afirmação da primeira narrativa de o homem ter sido feito a partir de um boneco de barro à caracterização pela sequência da narrativa àquilo que seria o significado da natureza humana na terra, é claramente depreciativo para a dignidade humana, pois o ser humano é apresentado como um ser decadente, não digno de confiança, merecedor de castigo, aconselhado a submeter-se sem questionamento a uma condição humilhante de vida.

Tudo isso seria menos grave se essa narrativa tivesse se restringido ao círculo do povo judeu primitivo e depois tivesse sido superada como lenda. Mas não foi isso o que aconteceu. No passar dos séculos e dos milênios, o livro que se institucionalizou como central, sagrado para a orientação da maior parte da humanidade, passou a ser o livro que tem essa narrativa decadente no seu preâmbulo.

A questão não é se as pessoas que seguem a bíblia acreditam naquela narrativa tal qual ela é contada em toda a sua fantasiosa ficção. Mas sim é perceber que a afirmação do ser humano como decadente e pecador de nascença é artigo dogmático constituinte de todas as teologias que a seguem. Ou seja, para quem segue a bíblia, o ser humano nasce sim, com uma maldade entranhada no seu ser. E como quando se nasce se é nada mais, nada menos que um bebê, uma criancinha, todas as crianças que nascem em famílias seguidoras da bíblia, são roubadas do direito de tentarem ser 100% boas e livres de uma tão agressiva pecha, que decepa mais de 50% as expectativas de bondade do recém-nascido.

Tudo isso porque as elites que controlam o modo de produção decidiram que querem as pessoas com baixa auto-estima permanente para que assim possam melhor submetê-las ao regime de trabalho forçado que é aquilo em que se transformou o trabalho na vida humana. Também por conta desta aberrante maldade constituinte do preâmbulo da bíblia é que o Panamorismo, que se propõe a ser uma filosofia 100% amorosa em relação à humanidade, caracteriza a religião como não moralmente aceitável.

Percebamos que o que foi dito é, por si, suficiente para invalidar eticamente a religião baseada na bíblia, seja ela qual for. Não é admissível que nenhum sistema pedagógico inculque, encasquete, na cabeça das crianças, que elas seriam defeituosas moralmente de nascença.

Em primeiro lugar, porque isso abate a potencialidade que a criança tem de se tornar um adulto 100% desenvolvido.

A partir daí, essa religião, baseada numa maldição contra o ser humano, não podia não ter, no transcorrer da história, cumprido uma quantidade imensa de perversidades disfarçadas de bondade. Dentre as mais famosas estão as cruzadas, a perseguição de hereges com a consequente queima na fogueira dos mesmos; a guerra dos trinta anos, dentre muitas outras.

O tema aqui é tão vasto (embora já tenhamos dado um bom e suficiente exemplo para que qualquer um com bom senso e valores morais, rechace em bloco a religião, por ser incompatível com os valores de quem realmente ama a humanidade), que seriam necessárias muitas teses para apresentar a lista completa das ilicitudes éticas, causadas pela religião.

Mas o interesse dessa resposta, na presente entrevista, é explicar porque o Panamorismo não aceita a religião no seio de sua elaboração teórica e prática, já que o mesmo exige como cláusula pétrea de si mesmo, o amor incondicional e integral à humanidade, coisa que, como vimos, a religião é totalmente contra.

5. Qual é a importância da percepção para a formação do Panamorista?

Em primeiro lugar, vamos perceber alguma coisa a respeito do significado da expressão “Ser um Panamorista”.

O Panamorismo não é uma filosofia para simpatizantes, embora ele possa ter e já tenha vários simpatizantes (lembramos que estamos em 2021).

Para que alguém se torne Panamorista, no sentido próprio da palavra que a filosofia exige, essa pessoa precisa, além de conhecer bem os fundamentos teóricos e práticos do Panamorismo, ter chegado a uma decisão de se tornar um Panamorista e tão somente um Panamorista, abandonando as demais concepções de mundo a que porventura esta pessoa possa ter sido ligada antes desta conversão. Do mesmo modo que não se pode ser católico e protestante, ao mesmo tempo, nem católico e espírita; também não se pode ser ao mesmo tempo, Panamorista e católico, Panamorista e protestante, Panamorista e espírita. Pois o Panamorismo é uma negação desses modos de ver a realidade.

Então, a primeira percepção necessária para a pessoa que pretende se tornar convertida ao Panamorismo é perceber exatamente que o Panamorismo é incompatível com outras religiões e com outras filosofias.

Dito isto, falemos agora sobre o significado de percepção no Panamorismo.

Perceber é notar que algo existe ou como algo se comporta. O Panamorismo dá muita ênfase nessa necessidade de se treinar a percepção constantemente. A própria noção de “Reconhecimento do Saber” traz, em si, o convite para que o Panamorista passe em resenha todos os conhecimentos que comportam o Saber Humano. Por exemplo, a invenção da roda: inventou-se a roda e, em seguida, inventou-se a carroça, e da carroça, a biga. Destas invenções terminaram surgindo a carruagem.

Com a chegada da modernidade e da era industrial, inventou-se o trem, o automóvel, se valendo, em grande parte, daquela invenção primitiva da roda. O que é uma roda, é do conhecimento geral, mas para o Panamorismo, se nos pusermos a tentar novamente um estudo minucioso sobre a roda; se nos propusermos a fazer uma carruagem, uma biga, terminaremos percebendo muito mais coisas sobre a roda, do que aquilo que até o presente momento se sabe.

É possível, até mesmo, que nós criemos, a partir deste estudo, um modo mais adequado para o uso da roda, que não se tenha que usar a tração animal, para não ser mal com os animais, que não se tenha que usar uma forma de lenha para não destruir as árvores e as matas, que não se tenha que usar combustíveis, carburantes, para não poluírem a natureza e que, mesmo assim, funcionem mais e melhor do que vem funcionando estes veículos citados.

E é usando essa faculdade da percepção que podemos, no interior desse estudo, como no da roda, que estamos citando aqui como exemplo, entender que a ampliação do nível de percepção é bem vinda para que, se notando até onde se chegou com aquele uso, se note também até que ponto pode-se ainda chegar,

superando o atual grau de avanço tecnológico e corrigindo, do ponto de vista ético, como demos exemplos deste ponto de vista quando citamos a roda, etc.

A partir disso, e de raciocínios semelhantes, o Panamorismo elege a percepção como central na sua teoria científica.

Dito isso, agora vamos abordar alguns aspectos da percepção para que se compreenda bem como é rico esse universo.

Perceber bem é entender a coisa exatamente como a coisa é.

Dentre as coisas manuseáveis, benéficas ou nocivas que sejam, no nosso ambiente riquíssimo, as coisas que existem são de várias qualidades e existem em diversas quantidades. E todo ser humano vivo está, diariamente em contato com uma infinidade de coisas destas. Tudo o que o cerca é uma coisa. Todas as partes do seu corpo são coisas. E até os seus diversos pensamentos podem ser considerados coisas de pensamento, como costumava dizer Descartes em latim “*res cogitans*”. Só entendendo bem cada coisa, como a coisa que a coisa é, é que se poderá, em um segundo momento (*a posteriori*), dar um parecer sobre ela e, num terceiro momento, decidir o que fazer ou não fazer com ela.

E a vida humana pode ser dita um constante lidar com coisas. Como só é possível lidar com algo a partir do momento que se percebe a existência daquele algo e o alcance do mesmo para as mãos, perceber bem todas as coisas é condição *sine qua non* para lidar bem com elas.

E o Panamorista não pode não perceber bem as coisas. Caso contrário, ele pode provocar um desamor, por algo que seria merecedor de amor.

CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO!